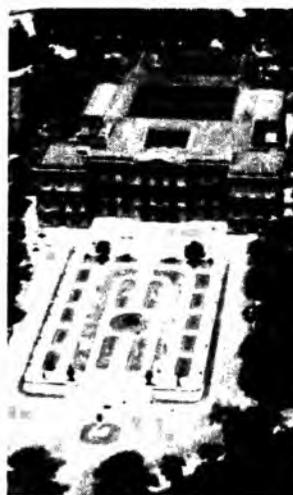


# Quinta da Boa Vista: De Espaço de Elite a Espaço Público

*João Carlos Ferreira e  
Angela Maria Moreira Martins*



**João Carlos Ferreira – museólogo do Museu Nacional da  
Quinta da Boa Vista, pertencente à UFRJ**

**Angela Maria Moreira Martins – professora do ProArq –  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da FAU/UFRJ e  
do programa de pós-graduação em imagens e  
representações culturais da EBA/UFRJ.  
Doutora em urbanismo pela Université de Paris X**

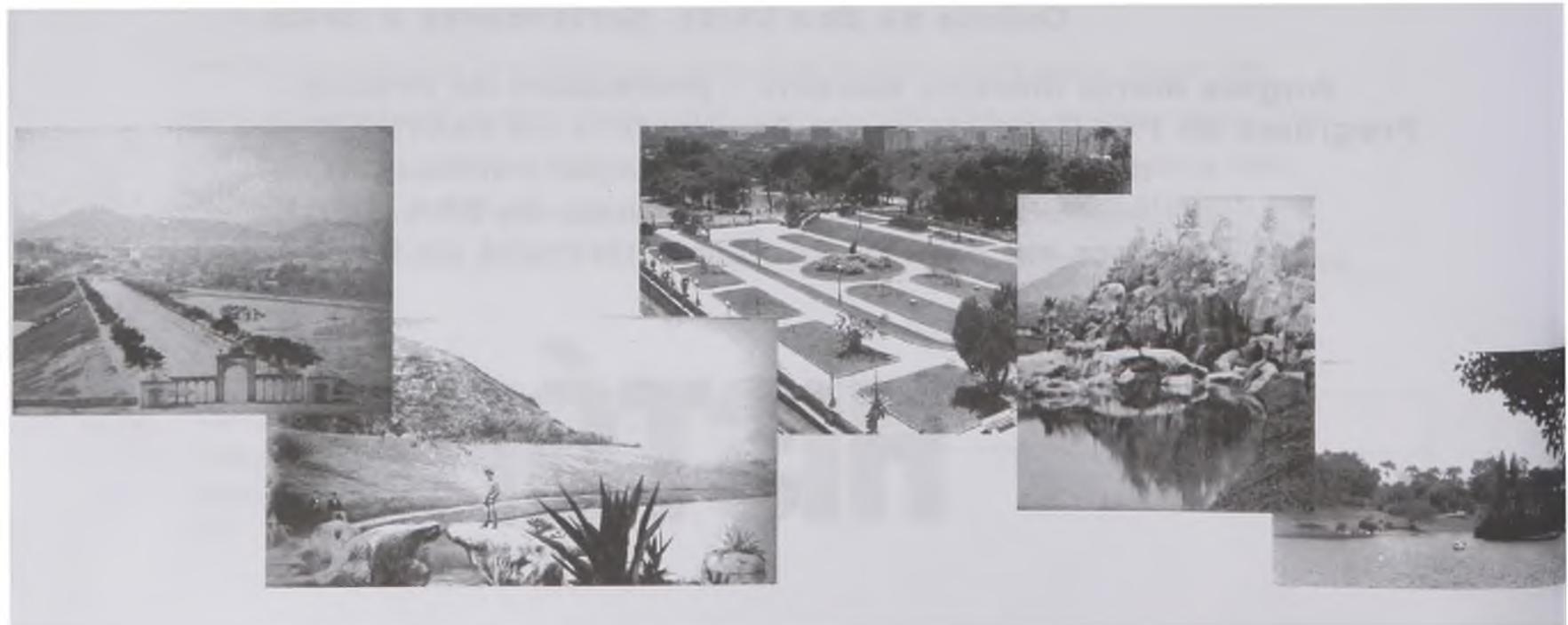
# HISTÓRIA

# RESUMO

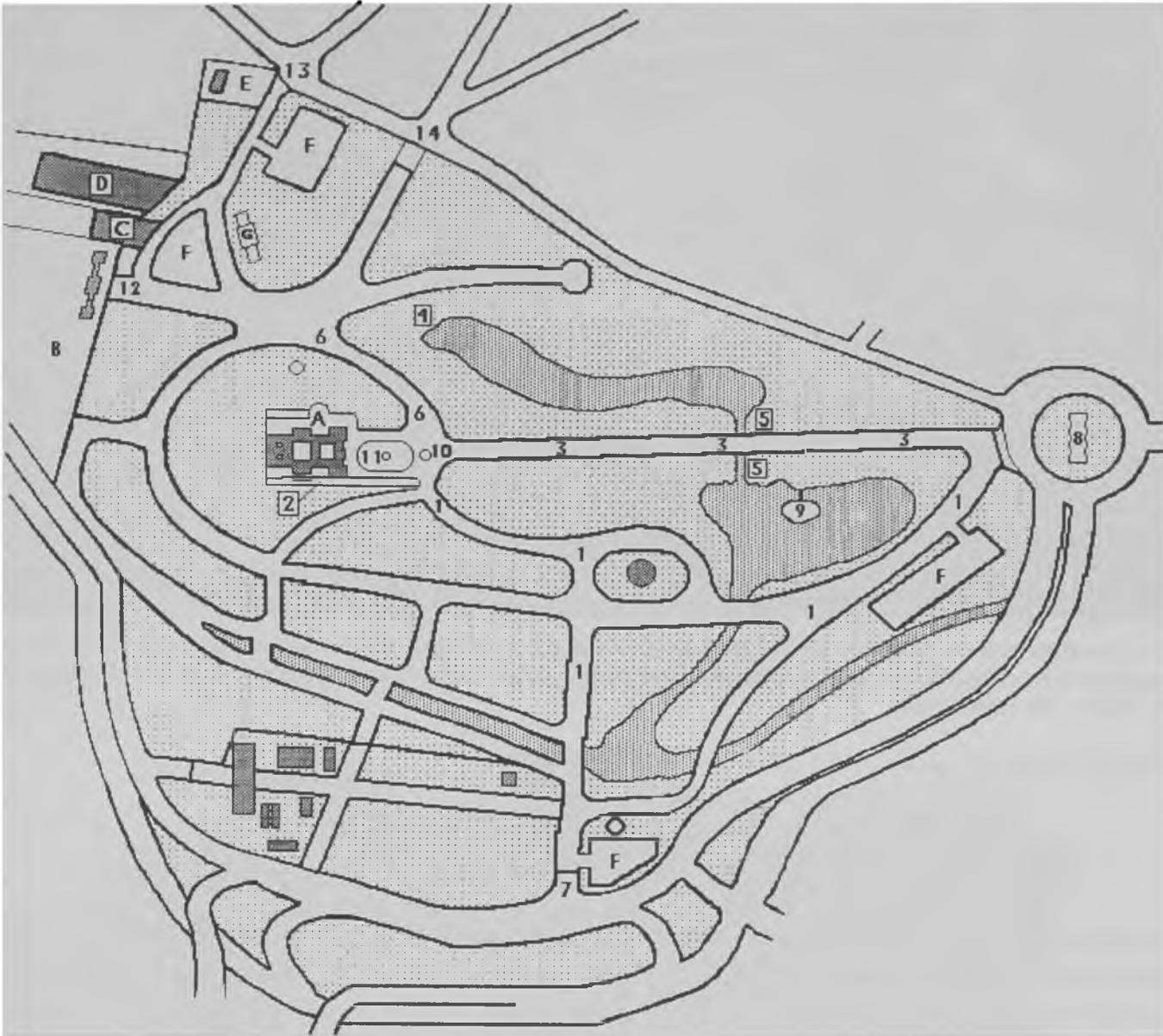
Este trabalho mostra a evolução de um espaço – o da Quinta de Boa Vista – de antigo local de residência dos imperadores brasileiros até hoje em dia, em que é utilizado pelas camadas baixas e médias da população suburbana carioca como o seu espaço preferido de lazer, local onde os trabalhadores vêm usufruir de seu merecido descanso, onde famílias inteiras vêm passear e brincar, viver o verde que lá está, local que também vem adquirir conhecimentos em ciências naturais e sociais por meio das visitas ao zôo e ao Museu Nacional que com as áreas verdes que formam o parque, compõem o conjunto de instituições que levam o nome acima mencionado.

# ABSTRACT

*The present work consider the trajectory and the peculiar evolution of a space – the "Quinta da Boa Vista" – from it's former character as a official residence of the brazilian emperors to a public space of our days, where it is used by the workers and families from the lower and middle classes of Rio de Janeiro city as their preferred local for family entertainment. These groups come to this park looking for green and free areas to relax from the stress of modern life and to play with their children, and also to learn something about natural sciences and sociology in the Museu Nacional (National Museum) and in the zoo. These two institutions, together with the green areas of the park, are the principal elements of the "Quinta da Boa Vista" Park.*

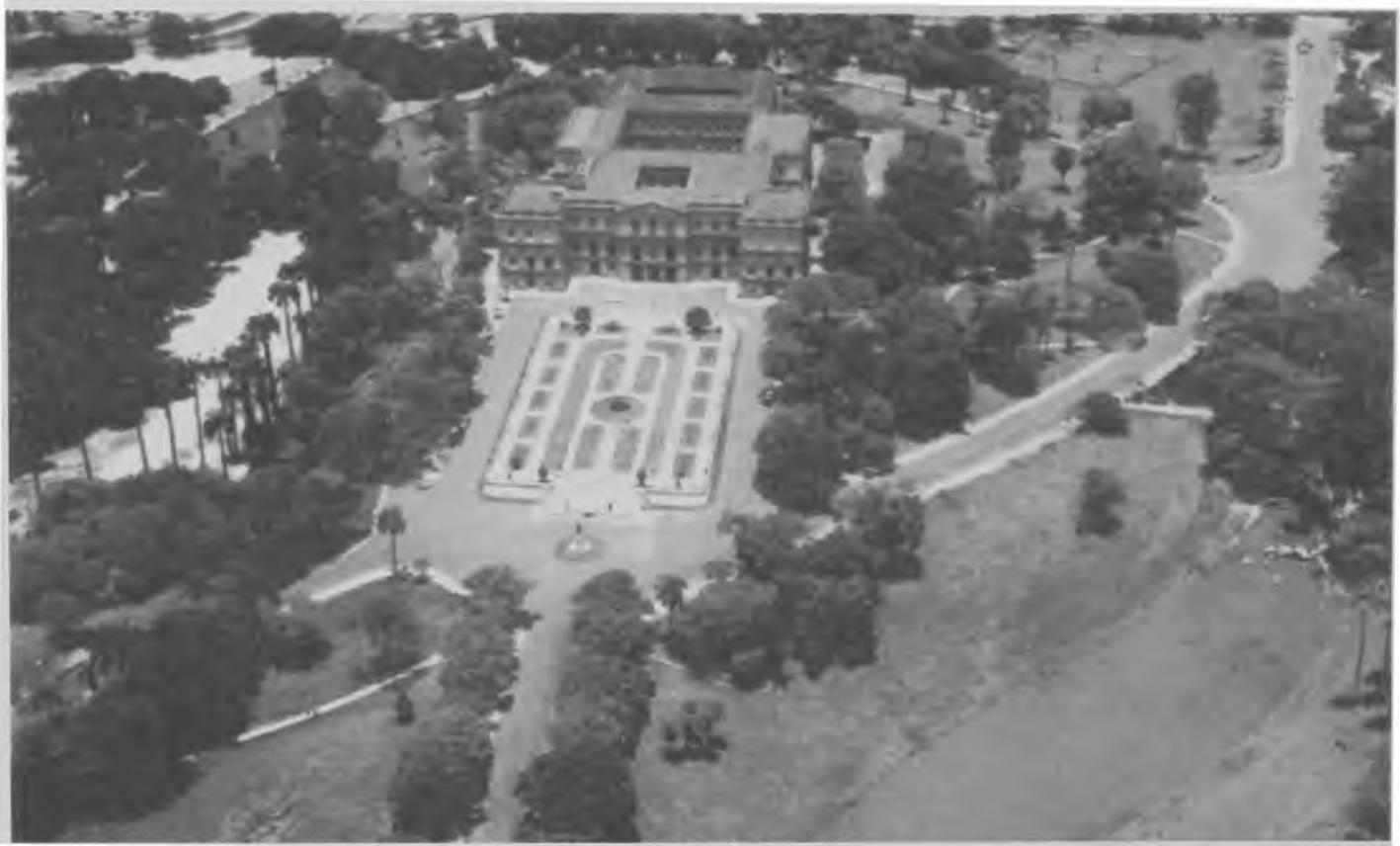


## Mapa de Localização da Quinta da Boa Vista – 2000



A Quinta da Boa Vista, situada no bairro de São Cristóvão, abrigou durante muito tempo a família real portuguesa e a família imperial do Brasil. Hoje, ela possui uma administração que cuida do seu vasto parque, uma grande área de lazer, pertencente à Fundação Parques e Jardins<sup>1</sup> mantida pela prefeitura do Rio. Ela também abriga outras instituições, sendo as principais a Fundação Rio – Zôo, também ligada ao município do Rio; o Museu Nacional (Sede e Horto Botânico), da Universidade Federal do Rio Janeiro, algumas instalações do exército (Tiro de Guerra) e a Companhia Municipal de Limpeza Urbana – Comlurb.

(1) Sediada ali mesmo no antigo Museu da Fauna.



*Foto 1: Aspecto geral do Parque da Quinta da Boa Vista durante a década de 80, vendo-se uma parte da Alameda das Sapucaias e a situação central do Museu Nacional dentro do parque da Quinta (na parte superior da imagem)*  
Fonte: Autor não identificado

Uma das principais características do seu parque é uma situação geográfica peculiar, pois está situado em uma área de morros e pequenas colinas separadas entre si por pequenos “vales” o parque é constituído por vastas quadras ajardinadas e arborizadas, de contornos arredondados e formato irregular que se adaptam aos acidentes naturais da paisagem. Essas áreas verdes são separadas entre si por “ruas” asfaltadas, em sua maioria vedadas ao tráfego de veículos, salvo em alguns locais de passagem e acesso para os funcionários das instituições que funcionam dentro da área da Quinta.

O parque é composto por diversos elementos decorativos construídos em cimento sobre estrutura metálica, procurando imitar a natureza, como nas grutas com estalactites. Os bancos, mesas e os guarda-corpos das pequenas pontes fluviais parecem troncos retorcidos, bem típicos dos jardins românticos do fim do século passado que tinham nesses elementos uma de suas características principais. Existem ainda espalhados pelo parque falsos rochedos, compostos por grandes blocos arredondados, executados, utilizando-se de tijolos ou mesmo de pequenos blocos de granito para compor o conjunto. Além destes, existe em uma pequena ilhota do lago, ao sul da alameda das Sapucaias, a reprodução de um pequeno “templo grego”, imitando uma ruína clássica que recebeu o nome de “Templo de Apolo”



*Foto 2: As grutas artificiais plenas de estalactites, formando um conjunto repleto de beleza e mistério bastante típico do paisagismo executado na Quinta da Boa Vista por Glaziou, com elementos que procuravam imitar a natureza*  
Fonte: Museu Imperial de Petrópolis



*Foto 3: Detalhe do "Templo de Apolo", intencionalmente construído, visando imitar uma ruína clássica primeiras décadas do século 20*  
Fonte: Coleção de postais do prof. Solon Leontsinis

As instituições mais importantes situadas no parque são, sem dúvida alguma, o Jardim Zoológico (Fundação Rio-Zôo) e o Museu Nacional que ocupa o antigo Palácio de São Cristóvão desde 1892, que sempre foi a edificação principal do parque da Quinta da Boa Vista, e ainda hoje é um dos seus principais atrativos, sendo visitado por grande número de escolares, de famílias e por turistas nacionais e internacionais.

Foi nesse prédio centenário que residiram importantes figuras da história do Brasil, como o rei D. João VI e os imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, além da princesa Isabel e de outros príncipes e princesas. Desde a época de D. João VI, seus moradores sempre procuraram dar ao prédio uma feição digna de suas elevadas funções, com execução de reformas e ampliações.

Assim, paralelamente às sucessivas reformas praticadas no modesto prédio original, a área próxima ao palácio foi sendo também modificada, recebendo diversas melhorias, até que atingisse um aspecto paisagístico próximo do atual. Desta forma, o conhecimento de como se processou a evolução histórica do prédio do antigo Palácio Imperial (atual Museu Nacional) é fundamental para a compreensão das modificações paisagísticas ocorridas na área da Quinta, pois a recuperação do antigo palácio e de seu parque devem ser considerados aspectos indissociáveis para a recuperação ambiental e paisagística da área da Quinta da Boa Vista.

## **A QUINTA DA BOA VISTA ONTEM**

Até 1759 a Quinta da Boa Vista fazia parte da fazenda jesuíta de São Cristóvão, com uma extensa área que ia aproximadamente das margens do rio Maracanã até as imediações de Inhaúma. A parte litorânea dessa imensa propriedade incluía a Ponta do Caju, de um lado, e quase toda a margem oeste do atual Canal do Mangue, no outro extremo.

O que hoje conhecemos como Canal do Mangue era então um largo braço de mar navegável, que se estendia desde a Ponta do Caju e da Praia Formosa<sup>2</sup> até as franjas do Morro de São Diogo. A partir deste ponto, na sua parte mais estreita, que partia das imediações do Morro de São Diogo, indo morrer nas proximidades do Campo de Santana, este braço de mar dava origem a um vasto mangal, navegável apenas por barcos de pouco calado.

Essa região indefinida entre o mar e a terra, conhecida pelo nome de “Mangal de São Diogo” era formada pela deposição dos detritos, drenados por seus três rios principais: o rio Comprido, o rio Maracanã e o rio Joana, que corta próximo ao lado sul da Quinta; e ainda por diversas outras valas secundárias existentes.

Assim, o acesso terrestre que ligava as proximidades do Campo de Santana a São Cristóvão só era possível por um tortuoso caminho, que ia desviando para os lados do Catumbi, contornando os mangais outrora existentes na região (hoje aterrada e conhecida como Cidade Nova). Desta

(2) Onde está hoje a Rodoviária Novo Rio.

forma, devido à precariedade nas condições de ligação terrestre com a cidade, o acesso à região por mar foi durante longo tempo o preferido por muitos<sup>3</sup>

Próximo à entrada desse canal existia uma pequena colina à beira-mar, que dominava a paisagem e dali partia o caminho que se dirigia a Santa Cruz e ao interior da província, que dava no atual Campo de São Cristóvão. Assim, os padres Jesuítas, cientes da importância estratégica desse local como ponto de passagem obrigatório dos viajantes que se dirigiam ao interior e as Minas Gerais, construíram ali a sede de sua vasta fazenda<sup>4</sup>

Essa área permaneceu em mãos desses religiosos até 1759, quando houve o confisco dos seus bens pela Coroa Portuguesa e a subsequente partilha das terras, em lotes menores. O auto do seqüestro da fazenda de São Cristóvão foi despachado em 9 de novembro de 1759, mas somente em 1761, essas terras foram leiloadas, sendo que sua partilha alcançou um número superior a 200 novos proprietários. Em 1763, a antiga sede da fazenda foi transformada em Hospital dos Lázaros, inaugurado em 1<sup>o</sup> de janeiro de 1765 pelo conde da Cunha, com sua administração entregue à Irmandade da Candelária.

Um dos lotes da antiga fazenda dos jesuítas foi então comprado por Elias Antônio Lopes, um próspero comerciante português<sup>5</sup> estabelecido no Rio de Janeiro na rua Direita<sup>6</sup> que transformou a área para a criação de gado bovino, voltada para o abastecimento da cidade, visto que em suas proximidades cruzavam caminhos vindos do interior por onde passavam as tropas trazendo as boiadas para o abate.

A propriedade passou assim a ser conhecida como “Quinta do Elias” e mais tarde como “Quinta da Boa Vista” porque de uma pequena colina, situada na sua parte central era possível descortinar-se uma “boa vista”<sup>7</sup> sendo essa a origem do nome que permanece na toponímia carioca até hoje.

De qualquer forma, Elias Antônio Lopes teria iniciado em 1803 a construção de uma casa-sede<sup>8</sup> em sua chácara ou “Quinta” sobre a colina rochosa que era a principal elevação de sua propriedade<sup>9</sup>

(3) Essa condição prevaleceu até que fossem executadas melhorias na região, após a chegada e mudança de D. João para São Cristóvão.

(4) Esse prédio ainda existe, mas é quase desconhecido da população carioca, uma vez que sua situação privilegiada foi descaracterizada, devido aos aterros executados no Canal do Mangue para a construção do gasômetro da Companhia Estadual de Gás – CEG, cujos imensos tonéis taparam sua vista.

(5) Consta ainda que Elias Antônio Lopes seria também membro da Irmandade da Candelária.

(6) Atual rua Primeiro de Março, no centro do Rio.

(8) Essa edificação é que mais tarde viria a se tornar o núcleo original do conjunto arquitetônico que foi o Palácio de São Cristóvão, abrigando atualmente o Museu Nacional.

(7) Era possível descortinar-se dali parte da Baía de Guanabara, tendo a Serra dos Órgãos ao fundo, por um lado, e de outro, o Maciço da Tijuca, desde as proximidades da cidade até o Andaraí.

(9) Na verdade, as informações existentes sobre o início da construção dessa residência são um pouco controversas; não se sabe com certeza se em 1803 o proprietário português estaria ainda construindo a casa, ou já estava reformando-a, como citam alguns autores, mas a primeira opção parece a mais exata.

A casa apresentava originalmente um aspecto arquitetônico mais ou menos típico do período colonial brasileiro – trata-se de uma planta retangular em dois pavimentos de grandes dimensões (cerca de 54 m de frente), dispondo de uma varanda aberta na parte superior em três lados de sua fachada.

Na verdade, a casa serviu por pouco tempo ao fim que era destinada inicialmente, com transferência de D. João para São Cristóvão, aquela casa de funções modestas passou a sediar o governo do império português, tomando o nome de Palácio de São Cristóvão, conjunto arquitetônico assim denominado somente após sucessivas ampliações e reformas.

Desde o início da sua construção, esse edifício continua sendo indubitavelmente a principal edificação da Quinta da Boa Vista, não só por sua importância histórica, como também devido à sua situação central dentro do parque; dessa forma, verifica-se que todo o trabalho de paisagismo e outras melhorias executadas nesta área sempre foram concebidas em função deste prédio.

Chegando o príncipe regente D. João<sup>10</sup> ao Brasil, em 1808, acompanhado de grande comitiva, começou-se a confiscar, sem cerimônia, propriedades particulares para a coroa, a fim de abrigar todos os transmigrados, episódio já bastante conhecido da crônica carioca como o episódio do “Ponha-se na Rua”<sup>11</sup>

A casa de Elias Antônio Lopes era considerada grande para os padrões da época, e talvez temendo que sua propriedade fosse confiscada sem qualquer ressarcimento<sup>12</sup>, aquele resolveu colocar sua “Quinta” à disposição de D. João como presente de Ano Novo, em 1º de janeiro de 1809. D. João encomendou a Elias que fossem feitas algumas reformas na casa antes da mudança definitiva da família real para a Quinta da Boa Vista.

Dessa forma, D. João fez crescer o seu patrimônio pessoal e o do país, trocando bens e imóveis por títulos de nobreza, comendas e até pequenos favores, somando-a assim à Quinta as outras propriedades que D. João possuía em Santa Cruz e na Ilha do Governador.

Entretanto, o prédio da Quinta da Boa Vista era pequeno para abrigar a grande quantidade de pessoas que acompanhavam D. João; além disso, não havia instalações próprias para seu funcionamento como Paço Real. Seu aspecto externo e interno não possuía uma aparência condizente com a importância de seus novos e ilustres moradores. Assim, foram planejadas

(10) Quando a família real portuguesa chegou ao Brasil, D. João ainda detinha o título de príncipe regente, pois D. Maria I ainda era oficialmente a rainha, embora sofrendo de insanidade mental. Somente depois da morte desta é que este príncipe pôde ser coroado como D. João VI.

(11) As iniciais P. R., colocadas nas casas escolhidas pelos transmigrados, significavam “Propriedade Real”; mas seu significado foi logo jocosamente interpretado pelo povo como “Ponha-se na Rua”

(12) Mais tarde Elias Lopes foi condecorado com o título de Moço Fidalgo da Casa Real, com a graduação de Alcaide-mor, recebendo também uma Comenda e a Ordem de Cristo, além de uma soma em dinheiro.

reformas no prédio e em sua área circundante, procurando dotá-lo de atributos que lhe conferissem um aspecto mais favorável às suas novas funções; ao mesmo tempo, procurava-se obter mais espaço físico por meio de ampliações e reformas nos blocos existentes, além da construção de novos blocos.



*Foto 4: Aspecto da alameda das Sapucaias, vista a partir do Palácio de São Cristóvão pouco tempo após a reforma empreendida por Glaziou entre 1866 e 1876. Essa avenida monumental foi aberta sobre um aterro, dividindo o lago da Quinta em duas partes distintas, uma ao norte (à esquerda) e outra ao sul da alameda (à direita). Fechando a área entre a alameda e o palácio, aparece no canto inferior direito o Portão de Northumberland (aqui visto por trás)*  
Fonte: Museu Imperial de Petrópolis

Por volta de 1815, montou-se um portão decorativo em frente do prédio, construído em alvenaria e em ferro fundido, presente do duque de Northumberland ao soberano português. Este portão, que chegara desmontado da Inglaterra em 1813, já estava completamente instalado em 1816, sendo uma cópia quase perfeita do portão existente em Sion House, obra original dos irmãos Adam. Sua colocação delimitou uma área de forma ligeiramente retangular na frente do palácio<sup>13</sup> que passou a servir como área de recepção e pátio de manobras para a chegada das carruagens que visitavam o prédio.

Nos fundos do antigo palácio ficavam ainda a cozinha, construída na época de D. João e outras edificações menores. Um pouco mais distantes ficavam as senzalas, as cocheiras e as estrebarias.

(13) A delimitação dessa área ainda é perceptível atualmente, embora esteja bastante modificada desde a reforma empreendida por Nilo Peçanha em 1910.



*Foto 5: Rara imagem que mostra o portão de Northumberland entre 1892 e 1910, ainda fechando a alameda das Sapucaias e na frente do antigo Palácio Imperial, já abrigando o Museu Nacional desde 1892. Este portão foi presente de um embaixador inglês a D. João em 1813, sendo réplica de outro existente em Sion House, Inglaterra. Foi mais tarde removido, e, atualmente, encontra-se remontado na entrada do Rio – Zôo*  
Fonte: Coleção de postais do Prof. Solon Leontsinis

Neste palácio cresceu o príncipe D. Pedro, que chegou ao Brasil ainda rapazola. Depois de casado com D. Leopoldina (da Áustria), ele empreendeu novas reformas no palácio e nos seus arredores. Após a morte da primeira imperatriz, D. Pedro contraiu segundas núpcias com D. Amélia de Leuchtemberg, mandando colocar nessa época na frente do palácio um largo chafariz de forma octogonal com três bacias, sendo duas destas bacias elevadas em metal e a última em alvenaria, pouco abaixo do nível do solo. Este repuxo era visível dos aposentos imperiais e da sala de jantar do palácio.

Em 1825 nasceu o segundo imperador brasileiro, D. Pedro II, que passou parte de sua primeira infância no Paço da Cidade<sup>14</sup>, retornando definitivamente para a Quinta da Boa Vista ainda em tenra idade, ali passou sua adolescência dividido entre os estudos formais de música, línguas e conhecimentos gerais e as aulas práticas de botânica no Jardim das Princesas, além dos passeios a cavalo pela quinta imperial, entre outras atividades.

(14) Atual Paço da Praça XV, no centro do Rio.

Durante o longo reinado desse monarca, a área total do parque manteve-se praticamente inalterada. Todavia, a partir dos primeiros anos do século 20, a quinta foi tendo sua área gradualmente reduzida devido à cessão de parte de seus terrenos para outras finalidades, como o alargamento da via férrea, devido à multiplicação das linhas e à abertura de algumas avenidas e viadutos.

Essas intervenções foram gradualmente reduzindo sua área original e descaracterizando o aspecto que o parque exibiu durante o Segundo Reinado, principalmente na parte sul do mesmo, no qual foi aberta a via férrea, e na parte norte, desde o portão monumental da alameda até o portão que dá para o largo da Cancela. Estas intervenções deixaram uma boa parte da área original de fora dos limites físicos atuais.

Na verdade, a Quinta da Boa Vista sofreu poucas melhorias paisagísticas durante os reinados de D. João e de D. Pedro I, até que foi significativamente reformada no reinado de D. Pedro II pelo arquiteto e paisagista francês Auguste Francois Marie Glaziou.

Entre 1866 e 1876, ele efetuou diversas intervenções, dentre as quais se destaca a abertura da alameda das Sapucaias que foi executada por um extenso aterro, com seu eixo colocado diretamente em frente ao palácio, criando assim uma avenida monumental que “dividiu” o grande lago em duas partes distintas<sup>15</sup>

Originalmente essa alameda ia diretamente ao encontro do portão de Northumberland, colocado à frente do Palácio. Mas já nas primeiras décadas deste século<sup>16</sup> esse portão foi removido daquele local, tendo sido bem mais tarde remontado em sua localização atual na entrada do Zoológico do Rio<sup>17</sup>

Foi somente após esse beneficiamento paisagístico empreendido por Glaziou que essa área começou a ser freqüentada pelo público, situação favorecida pelo estabelecimento de linhas regulares de ônibus puxados à tração animal e mais tarde pelos bondes, que faziam a ligação entre São Cristóvão e a cidade, ou seja, é a partir do reinado de D. Pedro II que, aos poucos, o povo teve acesso aos jardins do palácio e passou a assumi-lo como também seu.

(15) Na verdade as duas partes do lago estão unidas por uma gruta ou passagem fluvial deixada sob a alameda das Sapucaias. Sobre as duas entradas dessa passagem ainda existem duas placas de granito, com inscrição e coroa imperial em alto relevo comemorativas das reformas de Glaziou.

(16) Provavelmente nas reformas de 1910-1911.

(17) O Zoológico do Rio foi aberto em Vila Isabel, tendo sido transferido para a Quinta da Boa Vista ainda no começo da década de 40.



*Foto 6: Aspecto geral da parte norte do lago da Quinta, vendo-se no primeiro plano (e também mais ao fundo, à direita) alguns rochedos artificiais feitos em cimento, ainda da reforma de Glaziou. Ao fundo, no canto superior esquerdo, aparece parte do Palácio imperial*  
Fonte: Museu Imperial de Petrópolis



*Foto 7: Vista tomada a partir das grutas artificiais na década de 1880, mostrando uma parte do parque à beira do lago norte. Ao fundo, aparece uma parte da pedra do Morro do Barro Vermelho já removida*  
Fonte: Museu Imperial de Petrópolis

A República vai alterar esse quadro definitivamente. O parque sofreu nova reforma geral ainda no período da República Velha, entre 1910 e 1911, que entre outras coisas acrescentou ao antigo palácio, já ocupado pelo Museu Nacional desde 1892, um jardim elevado, com pequenos terraços em níveis diferentes, dando ao conjunto um aspecto já bem próximo do que conhecemos hoje. Infelizmente esse belo jardim, disposto em frente ao prédio, acabou cortando a perspectiva do palácio a partir da alameda das Sapucaias.

A ocupação pela família real e imperial desse local foi um fator fundamental para a transformação da área de São Cristóvão e adjacências em área nobre, de caráter aristocrático. Desde a época de D. João VI até o final do império, tanto o palácio como a Quinta da Boa Vista foram para a nossa sociedade um importante ponto de referência da vida social e política; sua imagem acabou confundindo-se com a própria imagem do poder constituído, simbolizando assim o topo da pirâmide político-social do Brasil-Império.

Com o passar do tempo e com a evolução da moradia da elite carioca para a zona sul da cidade (amenidades – praia), fruto do deslocamento do poder para o Palácio do Catete com o advento da República, o bairro de São Cristóvão foi sendo deixado para trás. Inicialmente, ali instalaram-se numerosas indústrias que saíram do velho centro da cidade, trazendo com elas seus operários que fizeram ali seu local de moradia. Depois, com o desaparecimento dessa fase industrial, esse local ficou reservado para a moradia das classes mais baixas (baixas e médias baixas) e para a instalação de uma série de empresas prestadoras de serviços que hoje compõem sua morfologia urbana.



*Foto 8: Vista parcial da área da Quinta que dá para o Largo da Cancela. Vê-se em primeiro plano uma parte das grutas artificiais e uma faixa já ajardinada à beira do lago, enquanto mais adiante ainda se vê outra parte da pedreira que abriu o Morro do Barro Vermelho, aumentando assim a área aproveitável do parque por aquele lado*  
Fonte: Museu Imperial de Petrópolis



*Foto 9: Aspecto do lago sul durante as primeiras décadas do século 20, vendo-se no meio da imagem uma ilha artificial, onde foi construído o "Templo de Apolo". Ao fundo, aparece parte da fachada principal do Museu Nacional*  
Fonte: Coleção de postais do prof. Solon Leontsinis



*Foto 10: Vista de um grupo de rochedos artificiais em cimento, executados em uma passagem sobre um dos canais secundários dos lagos da Quinta, durante as primeiras décadas do século 20*  
Fonte : S/A.

Este breve estudo pretende fazer apenas um levantamento preliminar dos principais elementos paisagísticos existentes hoje no parque da Quinta da Boa Vista, identificando sempre que possível o período a que pertencem.

Sobre o mapa que representa a área atual do parque, estão enumerados os principais elementos que compõem esse aspecto físico, acompanhados de um breve comentário sobre cada um, incluindo os acessos principais. Os itens numerados incluem os elementos da paisagem que já existiam desde a época em que o comerciante português Elias Antônio Lopes começa a construção da sua casa (1803 –1809), até os que foram executados entre a vinda da família real para São Cristóvão e o final do Império (1809 – 1889), e os elementos que foram executados posteriormente a 1899, já na época da República até os dias atuais.

1 – Acesso sul: É um dos antigos caminhos que levam à frente do antigo Paço de São Cristóvão, hoje abrigando o Museu Nacional. Esse acesso é conhecido como o “Caminho da Estação” porque liga a Quinta às estações do metrô e à linha férrea, ambas com a designação de “Estação de São Cristóvão” Esse acesso era o único disponível no tempo de D. João VI e de D. Pedro I. Por esse caminho original é que as carruagens podiam subir até a frente do palácio, onde paravam para desembarcar seus passageiros. Os outros caminhos hoje existentes (alameda das Sapucaias e acesso norte) só foram abertos mais tarde, durante o Segundo Reinado.

2 – Jardim das Princesas: O Jardim das Princesas está localizado ao longo da face sul do prédio, estendendo-se desde uma área situada pouco além do torreão sul, na frente do prédio, indo até a parte próxima aos fundos do museu, que termina junto ao prumo da fachada posterior. Ocupa atualmente dois patamares, um no mesmo nível do andar térreo, e outro mais baixo; mas é possível que houvesse uma ligação com outro nível mais baixo ainda, hoje externo ao prédio, em que havia algumas construções e um muro fechando a área. Posteriormente, foi aberta nesta área uma outra via de acesso, provavelmente já no começo deste século, que terminou limitando o jardim exclusivamente à área atualmente conhecida.

Esse jardim era um espaço reservado exclusivamente ao uso dos habitantes do palácio. No Jardim das Princesas havia também uma série de estruturas que foram removidas: uma construção de forma octogonal, provavelmente uma pequena estufa; viveiros de pássaros; um caramanchão (sob o qual havia uma mesa circular de ferro, ainda existente), além de estátuas e vasos de cerâmica vitrificada e de mármore em seus muros externos. Fechando os dois lances da escada de pedra, havia também um muro com portões de ferro, hoje inexistente. Este espaço ainda guarda alguns poucos vestígios desses elementos decorativos, como alguns bancos de alvenaria com embrechamento de conchas e cacos da louça do serviço imperial, apliques preparados nas horas de lazer das irmãs de D. Pedro II, advindo daí o nome dado a esse espaço. D. Pedro II tinha nesse espaço aulas práticas de botânica, observando *in loco* alguns espécimes.

O local pode ter sofrido algumas melhorias ainda na época da regência, mas só começou a assumir um aspecto próximo do que conhecemos hoje, na época de D. Pedro II. O certo é que, segundo algumas gravuras, na época desse monarca o local era de terra batida e não possuía nenhum tipo de embelezamento, embora provavelmente já funcionasse como um jardim privativo.

3 – Alameda das Sapucaias: A alameda das Sapucaias não existia antes de 1866. Em seu lugar, havia apenas um baixio, um pequeno vale em que serpenteava um córrego, que pouco se alargava formando um lago irregular e pouco profundo, tendo suas margens tomadas por juncos. O acesso à frente do prédio era feito por um caminho na lateral sul (item 1).

Esse baixio inóspito, situado entre a colina do Paço de São Cristóvão e o morrote que existe defronte a este, coletava as águas pluviais das vizinhanças, tornando o local intransponível e nada condizente com a presença do palácio. Decidiu-se então, abrir uma avenida monumental em frente do prédio e ajardinar a área, dando-lhe um tratamento paisagístico que lhe conferisse um ar mais bucólico, obra de Glaziou que, entre 1868 e 1876, aproveitou a ocasião para retificar as margens do lago, dando-lhes o aspecto que conhecemos hoje.

Essa avenida, de forma retilínea, contrastava com os demais caminhos planejados por Glaziou para a Quinta, de formas sinuosas. Ao longo da avenida, foram plantadas mudas de sapucaias, advindo daí seu nome. A alameda ia originalmente do portão de Northumberland, que fechava o pátio fronteiro ao palácio, até uns poucos metros além do portão externo atual.

4 – Grutas: As grutas artificiais do lago da Quinta, bem como suas estalactites e rochedos, são estruturas feitas de cimento, pedras e tijolos e fazem parte dos elementos decorativos elaborados por Glaziou, que tentam imitar a natureza de forma esteticamente planejada.

5 – Passagem fluvial subterrânea: Sob a alameda que atravessa o lago, há um túnel fluvial ligando as duas partes do mesmo. Encimando as duas entradas desse túnel, há de cada lado da passagem uma placa esculpida em granito, apresentando a coroa imperial com a inscrição abreviada “D. P. II” além da data do período de construção da alameda, “1868 -1876”

6 – Acesso norte do Museu Nacional: Este caminho, que liga hoje o prédio do museu ao Jardim Zoológico, não existia na época de D. João; permanecendo assim, até o final do Segundo Reinado, quando foi então aterrada essa área, permitindo a abertura do mesmo. A área em questão apresentava um desnível acentuado e abrupto em relação à área próxima, onde está hoje localizado o jardim que decora a frente do museu (item 11) e é circundada por um muro de arrimo. Estimamos que este aterro tenha ocorrido já na década de 1880.

7 – Portão externo sul: Este portão apresenta elementos decorativos do tempo do império, como o brasão imperial que encima a sua entrada, e as iniciais “Q.B.V ” (Quinta da Boa vista). É por esse portão que é feita a ligação entre a área da Quinta e a estação de São Cristóvão. É provável que ele se situasse um pouco à frente de sua localização atual, e que tenha sido recuado devido à abertura da avenida que contorna a Quinta atualmente.

8 – Portão monumental da alameda das Sapucaias: Este portão foi construído em 1910-11 na entrada da alameda das Sapucaias, em substituição ao portão mais antigo da época de D. João VI. Atualmente, esse portão está isolado no centro de uma rotunda fora dos limites físicos do parque, pois todo o espaço circundante foi cortado pela avenida que contorna a Quinta hoje.

9 – Templo de Apolo: Situado em uma pequena “ilha” do lago sul, esta construção procura imitar uma ruína clássica numa clara referência ao romantismo predominante no paisagismo do parque.

10 – Estátua de D. Pedro II: Foi colocada neste local em 1925, em homenagem ao centenário do nascimento do imperador.

11 – Jardim do Museu Nacional: Esta área era originalmente um terraço barrento, sem nenhuma melhoria quando D. João passou a morar no palácio. D. Pedro I mandara instalar ali, na frente do prédio, um chafariz a meia distância entre este e o portão de Northumberland. Esse espaço permaneceu assim durante todo o Segundo Reinado, sendo modificado apenas na primeira década deste século, quando foi removido o portão e executado o jardim que conhecemos hoje, com pequenos terraços simetricamente dispostos em vários níveis elevados.

12 – Pórtico monumental do Rio-Zôo: A entrada do Jardim Zoológico do Rio é feita por um portão de pedra, conhecido originalmente como “Portão do Duque de Northumberland” Ele aparece em algumas gravuras, que representa o palácio ainda em seu aspecto primitivo, com poucas reformas e acréscimos, o que indica que o portão já deveria estar seguramente instalado em 1816. Tinha apenas função decorativa, pois embora estivesse situado em frente do prédio, fechava a visão do mesmo, já que se debruçava sobre um desnível acentuado existente entre o palácio, situado no alto de uma pequena colina e a área circundante mais baixa. Permaneceu naquela posição até a abertura da alameda das Sapucaias, tendo sido removido mais tarde, em 1910-11, apenas para ser posteriormente montado em sua posição atual.

13 – Acesso próximo ao Zôo: Acesso mais utilizado pelos ônibus de turismo que trazem visitantes principalmente para o Jardim Zoológico e para o Museu Nacional, devido a maior proximidade destes e do restaurante “Petisco da Quinta”

14 – Acesso para o Portão da Cancela: Atualmente o acesso é utilizável somente por pedestres. Este acesso, atualmente obstruído para o trânsito de veículos por uma grade fixa, prolongava-se até mais adiante, em que ainda subsiste na atual área externa do parque um portão de alvenaria com gradil de ferro, decorado com ramos de café e outros elementos que remetem à época imperial. Esse portão, bastante recuado em relação à área atual, demarcava o antigo limite da Quinta em direção ao largo da Cancela. Estão faltando alguns elementos decorativos em ferro, e o aspecto geral é de má-conservação.

## A QUINTA DA BOA VISTA HOJE



*Foto 11: Aspecto atual do jardim existente na frente da fachada principal do Museu Nacional. Esse jardim é posterior à reforma de Glaziou, tendo sido executado em 1910, durante a gestão do presidente Nilo Peçanha. Sua situação elevada cortou a perspectiva do antigo palácio a partir da alameda*

Fonte: Roosevelt Mota. Chefe do setor de Fotografia do Museu Nacional. S/d

Em estudos recentes acerca do Museu Nacional<sup>18</sup> e de seu processo de visitação, foi também abordado o comportamento de alguns freqüentadores da Quinta da Boa Vista que estavam localizados próximos a esta instituição, procurando avaliar a relação entre o resto da Quinta e o museu.

Nesse processo de visitação, alguns aspectos ressaltam: inicialmente constatamos que a maioria dos visitantes vem a Quinta para visitar principalmente a área verde do seu parque, depois, praticamente empatados estão Museu Nacional e o Zôo, e por fim vem para ir ao seu

(18) Foram feitas 160 entrevistas com visitantes do museu/Quinta em 1998, o resultado dessas pesquisas estão em: MARTINS, Angela M. M. e outros. *O turista-usuário do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, FAU/UFRJ, 2000.

Este trabalho de pesquisa desmembrou-se em dois artigos que estão citados na bibliografia.

restaurante. Logo, o principal objetivo destes freqüentadores é o lazer ao ar livre<sup>19</sup> seguido da busca de conhecimento<sup>20</sup> e, finalmente, o simplesmente contemplar a bela paisagem, usufruindo momentos de liberdade numa área verde e aprazível.

Atualmente, os pontos preferidos pelos visitantes e freqüentadores da Quinta são os gramados existentes ao longo dos dois lagos e também nos fundos e na parte norte do Museu Nacional, que devido à presença de gramados bem-conservados e arvoredo frondoso torna o local interessante para as famílias e grupos, que ali se sentam à sombra para descansar, apreciar a paisagem ou brincar com suas crianças: a inclinação do terreno nesses locais permite uma fácil supervisão pelos pais visitantes de onde estão seus filhos e do que estão fazendo.

A maior parte dos visitantes entrevistados vêm regularmente a Quinta (60%), sendo a maioria constituída por moradores “próximos” da área<sup>21</sup> dos adultos entrevistados fora do museu apenas 40% vinham pela primeira vez ao parque; quanto às crianças, somente alguns grupos de escolares liderados por seus professores vinham pela primeira vez – em geral os grupos de crianças menores, ou seja, de 7 a 11 anos que visitam o museu e/ou o zôo.

O acesso à Quinta foi considerado muito fácil, sendo que a maioria das pessoas (70%) vem em seu próprio carro ou de ônibus (coletivo ou privado – principalmente as escolas), depois de trem ou mesmo a pé (20 e 10%).

A maioria de seus freqüentadores são pessoas de média e baixa renda (1 a 5 s.m.)<sup>22</sup>, possuindo empregos de nível médio (principalmente comerciários, domésticas, estudantes e vendedores), tendo o 2º grau completo. A Quinta tem visitantes de todas as idades, sendo as crianças as suas maiores freqüentadoras. Na pesquisa feita dentro do Museu Nacional, foi sentido o interesse dos adultos e idosos pelos temas “exóticos” que deveriam ser mais explorados para atender a este público.

(19) Esportes, principalmente a corrida para os adultos, brinquedos para as crianças e as famílias.

(20) Do local e de dados – no caso do Museu e do Zôo.

(21) É preciso explicitar esse “próximo”: esta área abrange toda a zona norte da cidade do Rio de Janeiro, principal público visitante da Quinta. Entretanto, encontrou-se também visitantes da zona oeste, de outros municípios do estado do Rio de Janeiro e mesmo de outros estados do Brasil. Visitantes estrangeiros são raríssimos, bem como visitantes da zona sul da cidade. A Quinta é uma área de lazer do subúrbio carioca.

(22) Esse baixo poder aquisitivo é o responsável pela escolha da maior atração da Quinta – o parque – pois é um espaço gratuito, o museu e o zôo são pagos, embora tenham um preço razoável e sejam gratuitos para visitas escolares previamente marcadas (museu) e para crianças pequenas (zôo). Esse aspecto também é o responsável pelo restaurante da Quinta ser classificado em último lugar em suas atrações, pois a maior parte dos que ali vão não têm condições de pagar esse serviço, daí a proliferação de camelôs e de *traillers* de alimentação, bem como de um bando de comerciantes de quinquilharias que ali se estabeleceram.

Nos últimos anos, algumas das estruturas decorativas têm sido bastante danificadas, não só pela ação do tempo, como pela intensa visitação pública, principalmente nos finais de semana, e ainda por contínuos atos de vandalismo, praticados no parque. Infelizmente a Quinta da Boa Vista é o grande (e praticamente o único) parque em que a população de menor renda ainda pode usufruir de um lazer gratuito no subúrbio do Rio de Janeiro, por isto ela acode em massa a este lugar nas suas horas de lazer.

Assim, o aspecto geral do parque vem dando sinais de desgaste já há algum tempo, necessitando seu paisagismo de um trabalho profundo e extenso de recuperação ambiental, além de procurar dotá-lo de uma infra-estrutura mais moderna, trabalho que naturalmente deverá ser seguido de uma manutenção contínua, para que esse parque continue a cumprir sua função social como área de lazer e de cultura para o povo carioca.

A própria população está consciente do mau estado de conservação da Quinta; por isto, indagada acerca das suas sugestões para a melhoria da qualidade do parque ela apontou algumas necessidades: da instalação de banheiros públicos para acabar com o cheiro e a degradação causada pela urina, principalmente nas grutas; de mais segurança policial no parque; de acabar com a prostituição dentro das grutas e nos arredores da Quinta; de melhorar os gramados e os jardins, dotando o parque de certos equipamentos para o lazer como: barquinhos, trenzinho, pedalinhos, brinquedos (como havia antes, segundo os próprios visitantes); da instalação de bebedouros públicos; de melhorar os estacionamentos; e, finalmente, de dar mais vida diurna e principalmente noturna à Quinta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todavia, acreditamos que um dos principais fatores que provocariam uma real transformação do espaço da Quinta da Boa Vista seria a adoção do conceito de Museu-Parque por seus administradores, com uma visão adotada pela nova museologia preconizada pelo ICOM e o MINOM<sup>23</sup>, em que todas as atividades ali exercidas seriam vistas e planejadas em conjunto, seriam interligadas, reduzindo-se custos e otimizando-se funções. Pois, tanto o Museu Nacional como o zôo, como a Fundação Parques e Jardins e o restaurante, funcionam separadamente, prejudicando cada instituição.

A Quinta da Boa Vista deve ser um único e funcional parque, atração maior da área.

Para tanto, eventos que sejam do interesse de seus freqüentadores poderiam ser introduzidos aos poucos, de modo a que estas instituições aprendam a trabalhar em comum. Informações, uma boa sinalização e a criação de um *site* na Internet de todos esses elementos também ajudariam. Finalmente, seu espaço poderia ser preparado para receber atrações diurnas, mas feitas com certos controles no processo de turistificação de modo a evitar o excesso de visitantes em algumas áreas nos finais de semana.

(23) International Council of Museums e o Movimento Internacional pela Nova Museologia.

Na nova museologia é a comunidade que dinamiza o patrimônio herdado, sua voz é o veículo que permite levar para o futuro o passado deixado. Assim, a comunidade deverá ser mais ouvida em futuros trabalhos nos nossos parques. Também temos que lhe fornecer os meios que permitam conscientizá-la acerca do patrimônio recebido, a fim de mantê-lo íntegro e gerar sustentabilidade para esses espaços.

## BIBLIOGRAFIA

- CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, 5 vols.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. 3. ed. Belo Horizonte: São Paulo, Edusp, 1988.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2 vol., 1949.
- FERREZ, Gilberto. *A fotografia no Brasil (1840-1900)*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.
- \_\_\_\_\_. *O velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender*. Rio de Janeiro: Fundação J. Moreira Sales. 197b.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil – Segunda visita*, 1822. São Paulo: Nacional, 1956.
- KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*. (1845). São Paulo: Martins, 1943.
- KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. (1883). São Paulo: Martins – Edusp, 1972.
- LUCCKOCK, John. *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil taken during a residence of ten years in that country from 1808 to 1818*. Londres, 1980.
- MARTINS, Angela Maria Moreira e outros. Scanerizando a mente dos turistas usuários do Museu Nacional. In: II ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS/ IX ICOFOM LAM, Rio de Janeiro, *Anais*. Santa Cruz, maio de 2000. p. 98 a 111.
- \_\_\_\_\_. O turista-usuário do Museu Nacional. Observação Direta. In: V ENCONTRO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE DA UFRJ. Tradição e Inovação. Rio de Janeiro, *Anais*. 1998. p. 89 a 102.
- TRINDADE, Jeanne Almeida da. *O Campo de Santana. Um patrimônio cultural carioca*. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. (ProArq).

## AGRADECIMENTOS

- Ao Prof. Solon Leontsinis, pela iconografia.
- A D. Paula Novaes, pela ajuda na indicação bibliográfica.
- Ao Arquivo Iconográfico do Museu Imperial de Petrópolis.
- A Roosevelt Mota, chefe do setor de fotografia do Museu Nacional.
- A Alexandre Soares, que colaborou na confecção do mapa esquemático da Quinta.